

PARA ONDE VAI O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA?

A tarefa do professor de Língua Portuguesa nesta época de tantas mudanças e de tantas modas não é fácil. Não estamos contra as mudanças, pelo contrário, aceitamo-las e damos-lhe estímulo. Não aceitamos a desordem, a mudança pela novidade, o aspecto esnóbico de algumas atitudes na didática da Língua em face das novas teorias. A Revista LIMEN, n.º 40, de 1973, editada na Argentina pela Kapelusz, tem um artigo que merece nossas considerações: Introducción a la Didáctica de la Gramática Estructural. O signatário do oportuno artigo é o Prof. Ambrósio J. Pulpillo Luiz. Refere-se ao II Congresso Internacional para la Enseñaza del Español, realizado em Madrid de 25 de janeiro a 3 de fevereiro de 1971, em que estiveram presentes figuras importantes do corpo docente dos países em que se fala e em que se ensina a Língua Espanhola.

O artigo não se manifesta contra nenhuma das teorias modernas: estruturalismo, transformacionalismo, construturalismo, etc.

A sensatez do artigo está nas considerações em torno do ensino, da didática.

No ensino da língua está o problema fundamental da terminologia, cada uma dessas teorias tem o seu jargão, a sua linguagem científica ou pseudo-científica. Algumas vezes os estudiosos teoricistas inventam ainda a sua linguagem. Até aí nada de mais. O caótico está em levar para as salas de aula dos Cursos fundamental ou secundário as terminologias aparecidas na última semana nos livros de Lingüística de Paris, de Nova Yorque ou de Amsterdam.

Antes de levar as novas nomenclaturas e as novas teorias aos espíritos adolescentes, devem estar essas novidades suficientemente sedimentadas no raciocínio e na prática dos jovens ou provector mestres.

Encontramos casos pitorescos no nosso Rio Grande: gente da Capital ou do Interior que mal e mal assistira a uma reciclagem relâmpago, quanto à aprendizagem, e bastante longa para a paciência, volta às salas de aula e já pontifica estruturalismo, transformacionalismo, etc.

Repetem-se definições mal gaguejadas e principalmente pouco compreendidas e com nenhuma perspectiva de prática de ensino. Nos quatro cantos do Estado professores de Língua Portuguesa, falam de Comunicação, de expressão corporal, construturas, de formas gerativas e o ensino da língua fica ao Deus dará. E o analfabetismo progride a passos gigantes nos bancos escolares, a despeito das campanhas vitoriosas do MOBRAF...

Onde está o bom senso nessa balbúrdia fenomenal tanto na terminologia, quanto na avalanche de livros didáticos com orientações disparatadas, apesar da crise do papel? para onde vai o ensino da língua? O conhecimento e a prática da boa língua vão enfraquecendo cada ano que passa. Em quantas salas de aula se ensina realmente a leitura, a expressão oral correta (ausente das formas poluidoras da gíria), a composição literária? Não é porque os exames vestibulares não exigem mais a redação que os alunos do ensino secundário não precisam aprender a escrever. Ou preparamos alunos apenas para os macetas do vestibular, sem lhes dar o sentido da vida, a riqueza da boa formação lingüística, que lhes comunica cultura? É imperioso que as autoridades dos Estados e do Ministério de Educação e Cultura vejam aonde pode levar a Nação tamanha balbúrdia na disciplina fundamental da formação de 60% da população brasileira.

O que se deve fazer para uma boa orientação de ensino da Língua Portuguesa?

Antes de mais nada os professores de Língua Portuguesa devem amadurar as novas técnicas, as novas nomenclaturas, saber para onde nos levam os métodos recentemente aparecidos nos bazares de alguns cursos de letras, ainda não experimentados, ainda não comprovados pela prática.

Queremos, por exemplo, aplicar a gramática estrutural? Conhecemos a estrutura da língua, da morfossintaxe? Que cursos e que prática temos no assunto? Macambiras apresenta timidamente uma gramática, mas os seus resultados? É digno de elogio o trabalho feito nesse sentido, mas não pode ser aplicado de imediato. A gramática gerativa transformacional é uma bela conquista das recentes teorias lingüísticas; mas para onde nos levam esses métodos, que engatinham nos manuais bastante imperfeitos? Para que jogar novas nomenclaturas nos livros didáticos? Será que isso vai melhorar o nível de aprendizagem? E a construtura para quê? Vicia as novas gerações com frases com dois pontos de exclamação ou duas interrogações, além de uma nomenclatura rebarbativa... Parece que os autores dos livros didáticos foram tomados por um frenesi novidadeiro que acha interessante complicar as cabecinhas com diversas denominações para os fatos gramaticais.

As Instruções da SEC sobre a aplicação da reforma de ensino no que se refere à Língua Portuguesa, são bastante confusas e espalharam e espalham entre os professores muita indecisão. Alguns se sentiram obrigados a aplicar as teorias transformacionistas sem terem tido uma aula sequer sobre a novidade...

Certa coleção de livros didáticos presenteou o magistério do Brasil, com a Gramática Construtural e os respectivos livros para cada série, trabalho bem feito, no ponto de vista gráfico e por que não dizer didático. Mas por que os seus autores vão utilizando novas denominações? Por que utilizam dois pontos de interrogação? Por que tamanha confusão? Já imaginaram uma criança que faça o primeiro grau numa escola construtural, vá depois para outra estrutural ou transformacionista? Na arte do ensino, há sempre tantas complicações, por que aumentar-lhes o número?

Para o ensino da língua precisamos de um manual para o 1.º grau ou 2.º grau, com nomenclatura unificada ou diria nos moldes tradicionais. Pois nesse tipo de ensino há algo de estático apesar do dinamismo normal da língua.

A comunicação oral e escrita nas formas convencionais não sofre grandes alterações por isso que pode e deve ter como ponto de referência uma gramática consolidada, experimentada com a mesma nomenclatura. Se não vejamos o que acontece com o ensino da língua na França, na Espanha, na Inglaterra ou em Portugal. As gramáticas nas escolas obedecem ao padrão tradicional. A Língua Inglesa tem textos devidamente experimentados dentro do método transformacionista e assim mesmo, não se aplica o referido método nas escolas elementares ou secundárias.

Talvez queiramos dar uma lição ao mundo com os novos e disparatados métodos de nossa didática da Língua Portuguesa? Os resultados desastrosos já se manifestam nos concursos oficiais, nos exames vestibulares e nos bancos universitários...

Talvez os artigos precedentes tenham suscitado alguma confusão nos amáveis leitores ou colegas. A intenção foi tão só de alertar as pessoas de responsabilidade no que tange às nomenclaturas que proliferam nos livros didáticos em todos os graus. Não se pretende ensinar nada a ninguém, é uma simples reflexão sobre o modo de ensinar a Língua Portuguesa.

É preciso ensinar a LINGUA; o bom uso da língua em seus níveis — de língua falada, de língua escrita e de língua literária.)

As metodologias são diversas, não existe a metodologia, existem métodos que devem ser trabalhados e assimilados pelos professores em sua árdua e penosa missão de ensinar a língua materna que todos sabem desde as crianças, até os adultos...

Precisamos tomar consciência desses métodos, estudá-los, discuti-los, experimentá-los e depois pô-los em prática.

Precisamos insistir sobre a aprendizagem da leitura e da expressão oral corretas. Há muitas dificuldades inerentes a essas tarefas básicas do ensino da linguagem. As dificuldades aumentam quando passamos ao ensino da língua escrita. Exige mais esforço do mestre e do aluno. Há uma

Íntima ligação entre o aprendizado da leitura e o da língua escrita. As vezes o aluno leva pela vida fora defeitos e falhas advindos da má alfabetização.

Grande parte dos períodos destinados à Língua Portuguesa ou à Comunicação e Expressão desde o Ensino Fundamental devem ser destinados ao exercício constante de aquisição e prática da boa linguagem ou da língua correta; pouco tempo, ou mínimo poderia ser reservado ao estudo da terminologia gramatical ou de algo sobre a comunicação, etc. A experiência de muitos mestres nos comprova que do exercício diário da leitura, da composição escrita e da expressão oral surge a boa linguagem. Com essas tarefas os alunos adquirem um vocabulário mais amplo, aumentam o gosto pela frase bem feita e por vezes literária. Se por acaso se destinarem os referidos períodos ao ensino apenas dos aspectos da comunicação e da gramática de pouco ou de nada valem as nossas aulas para o aprendizado da boa linguagem. O que sentimos hoje é a ausência desses conhecimentos pois poucas pessoas são dadas à leitura e à composição literária pelas mais diversas razões. Os adolescentes e as crianças que já não são estimuladas pelo exemplo dos maiores na prática da leitura e da redação vão aos poucos se omitindo completamente nesses exercícios tão importantes para a sua formação humana e cultural.

O ensino da redação é, sem dúvida, o exercício de aprendizagem mais duro, e que exige dos professores os maiores sacrifícios. Por isso é que muitos colegas preferem o mais fácil que é o ensino da gramática e de outras novidades que não atingem a prática da língua.

Essa fuga do bom ensino da língua, através dos exercícios escritos é que compromete a boa e correta linguagem. A novidade tem aspectos atraentes que o trabalho do dia-a-dia no insistir sobre as mesmas coisas que constituem a base da formação humanística. Além desses óbices há ainda os aspectos da correção das composições escolares. É outra tarefa pesada e carregada de sacrifícios para os professores.

Devem adotar diversas modalidades de correções para suavizar, em parte, o ônus de sacrifícios que exigem as redações.

É preciso unir esforços com os colegas das outras disciplinas que têm como instrumento básico a Língua Vernácula.

É comprovado que os alunos que melhor redigem, que melhor utilizam a língua têm mais facilidade em seus estudos de História, de Ciências e de Matemática.

É preciso unir esforços nesse trabalho que pode ser a redenção da adolescência de nosso País, pois um povo que sabe a sua língua, que fala e redige corretamente é um povo culto, capaz de levar o facho da cultura às gerações por vindouras e aos povos do seu tempo.